

MUTUALISMO

Movimento associativo que tem por objetivo precípua a prestação de socorros a seus integrantes em momentos de necessidade. As associações mutualistas em geral ofereciam pensões, indenizações, medicamentos ou atendimento hospitalar, e financiavam funerais. Ao mesmo tempo, constituíam-se em espaços de sociabilidade num período em que as alternativas de lazer não eram muitas. Para tanto, organizavam eventos de conagração entre seus membros e entre sócios de outras congêneres, tais como festas, jogos de futebol, concertos musicais, teatro, danças, missas, entre outros.

Existentes em boa parte dos países ocidentais, as mutuais foram criadas no Brasil na primeira metade do século XIX e se multiplicaram ao longo dos séculos XIX e XX. Seu progressivo esvaziamento se deu durante as décadas de 1930 e 1940 em razão da implantação das políticas de proteção social, que reduziram seu papel enquanto instrumentos de seguridade mútua. Algumas, porém, mantiveram-se em funcionamento após esse período, provendo aos sócios espaços de sociabilidade e lazer.

As coberturas oferecidas pelas associações dependiam dos recursos por elas arrecadados. Elas viviam das contribuições mensais dos sócios, de donativos e, em alguns casos, de subvenções públicas. Algumas realizavam promoções para o levantamento de fundos, como festas, quermesses, espetáculos artísticos etc.

No Brasil, as mutuais tinham majoritariamente base local ou regional. As de alcance nacional eram minoritárias ou definiam-se estatutariamente como seguradoras de pecúlio. Suas identidades eram variadas. Algumas se organizavam por etnia ou por grupo social, a exemplo das compostas por italianos, portugueses, as de escravos etc. Outras eram organizadas por local de trabalho, por categoria profissional ou mesmo mais amplamente, por trabalhadores de diversas profissões. Em sua maioria os sócios eram homens, jovens ou adultos. Mas existiam mutuais compostas exclusivamente por mulheres ou que aceitavam mulheres em seu corpo de associados.

O fenômeno do mutualismo tem sido interpretado como um movimento de setores médios

ou da aristocracia operária. Na maioria das vezes, não havia limite mínimo de renda para que uma pessoa pudesse se integrar a uma mutual, mas a exigência do pagamento regular de mensalidades implicava, necessariamente, a exclusão de setores sociais que estivessem fora do mercado formal de trabalho.

Além dos sócios regulares, as mutuais possuíam outras modalidades de associados. Os beneméritos eram aqueles responsáveis pela doação de expressiva quantidade de recursos para as sociedades. Muito embora não necessitassem usufruir dos benefícios oferecidos, obtinham em troca – numa relação de reciprocidade – o reconhecimento, o *status*, o prestígio ou o controle político sobre elas. Havia também os sócios remidos, que contribuía com uma grande soma no momento da fundação de uma sociedade e ficavam dispensados dos pagamentos mensais.

As mutuais possuíam estrutura hierárquica bastante semelhante. O poder deliberativo cabia a uma assembleia geral de sócios, e as tarefas eram executadas e coordenadas por uma diretoria. Ocorriam eleições para os cargos com periodicidade, mas tal prerrogativa formal não implicava necessariamente a renovação contínua de lideranças. Em muitas sociedades os diretores perpetuavam-se no poder, ou por assim desejarem, ou pela falta de nomes disponíveis para assumir responsabilidades.

Os recursos captados pelas associações destinavam-se prioritariamente à concessão de socorros previstos por seus respectivos estatutos. Eventualmente, uma associação poderia atuar filantropicamente em benefício de indivíduos não sócios ou de instituições que necessitassem.

Nos levantamentos disponíveis, percebe-se que o maior crescimento do número de mutuais no Brasil se deu entre 1920 e 1930, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Como a expansão do mutualismo ocorreu em regiões predominantemente urbanas e industriais, muitas cidades brasileiras viveram dinamicamente essa experiência associativa, nas mais diversas regiões do país.

Tendo em vista o período de proliferação do mutualismo no Brasil, infere-se que o movimento foi contemporâneo do sindicalismo. Em que pese esse fato, não há evidências

de que a experiência mutualista tenha dificultado o desenvolvimento pleno do movimento sindical. Ao contrário, algumas mutuais atuavam em parceria com os sindicatos, reforçando sua luta por conquistas, muito embora não fosse esse seu objetivo precípuo. Ao se constituírem enquanto espaços de agregação de trabalhadores, acabavam por contribuir para a criação de uma cultura associativa, fundamental ao processo de formação da classe trabalhadora.

Vale ressaltar, porém, que as baixas remunerações praticadas no período dificultavam a dupla contribuição pecuniária, levando o trabalhador a ter que optar, em algumas ocasiões, entre associar-se a uma mutual ou a um sindicato. Nesse caso, corria-se o risco de os trabalhadores preferirem participar das mutuais, tendo em vista os benefícios mais imediatos que elas poderiam lhes proporcionar.

O que se observa nas pesquisas mais recentes é que as mutuais não se transformaram gradualmente em sindicatos, muito embora exceções possam ter existido. Tinham uma trajetória própria, objetivos específicos e identidades diferenciadas.

Os principais fatores que levaram à extinção das mutuais foram de ordem interna e/ou externa. Entre os primeiros se incluiu a falta de preparo técnico das lideranças para calcular riscos, o que levou muitas associações à falência. A ausência de estatísticas nacionais impedia que tais cálculos fossem realizados com êxito. Entre os segundos, destacou-se a instituição do amparo social de caráter público, que levou os trabalhadores a abandonar a seguridade mútua, acentuando o processo de esvaziamento de tais organizações. A criação de novos espaços de lazer como o cinema, o teatro, os clubes de dança, entre outros, contribuiu para o esvaziamento das mutuais enquanto espaços de sociabilidade e lazer. As mutuais podem ser conhecidas também como associações beneficentes ou sociedades de socorros mútuos.

Cláudia Maria Ribeiro Viscardi

FONTES: BATALHA, C. *Culturas*; CORDERY, S. *British*; GIBAUD, B. *De la mutualité*; FONSECA, V. *No Gozo*; GOSDEN, P. *Self-help*; JESUS, R. *Associativismo* ; KUSCHNIR, B. *Baile*; LINDEN, M. *Social*; LUCA, T. *Sonho*; PUTNAM, R. *Comunidade*; SILVA JR. A. *Sociedades; Sociedades operárias*; SWAAN, A. *In care*; VISCARDI, C. *Experiências*; VISCARDI, C.; JESUS, R. *Experiência*.